

DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU - TALVEZ -
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ – COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE
ANDROMEDA | ANDRÓMEDA – SETOR VI

A exploração da constelação de *ANDROMEDA* | ANDRÓMEDA – Setor VI começa pelo princípio, que é sempre o melhor local por onde começar! Antes das viagens sérias e longas, é preciso fazer viagens imaginárias! Assim foi.

Neste Setor, todos se prepararam muito bem e descreveram o que viram, de modo a que outros pudessem conhecer, também, o que havia nesses lugares. As cores, os sabores e, sobretudo, os amigos...

Ao anónimo anotador das descrições,
pertencem os *itálicos* que pontuam os textos.

A VIAGEM DE BARCO IMAGINÁRIA

Quando estava a dormir tive um sonho. Sonhei que estava a andar de barco e fui parar a uma cidade que se chamava Lisboa.

Eu, de dentro do barco, vi de longe: um museu, um parque e uma escola: Vi o rio e vi monumentos. Lá em Lisboa, vi de longe muitas árvores, pessoas e paisagens.

Eu gostei muito da minha viagem imaginária.

Título: Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães

Sub-título: Andrómeda – Setor VI

Autores: Constança Costa, Denis Movleanu, Diogo Pereira, Duarte Loureiro, Francisca Santos, Francisco Manuel Correia Pereira, Gabriel Fontes Rodrigues, Guilherme Jesus, Inês Gonçalves Pereira, Karen Gomes, Lucas de Jesus, Madalena Paiva, Mara Ponces, Mariana Ferreira, Maurício Schwarz, Moisés Coelho, Rodrigo Lopes, Vittoria Loureiro [Escola Básica da Ribeira, 3.ºB (Andrómeda – Setor VI)]

Design e Ilustração: Miolo e Meio, lda.

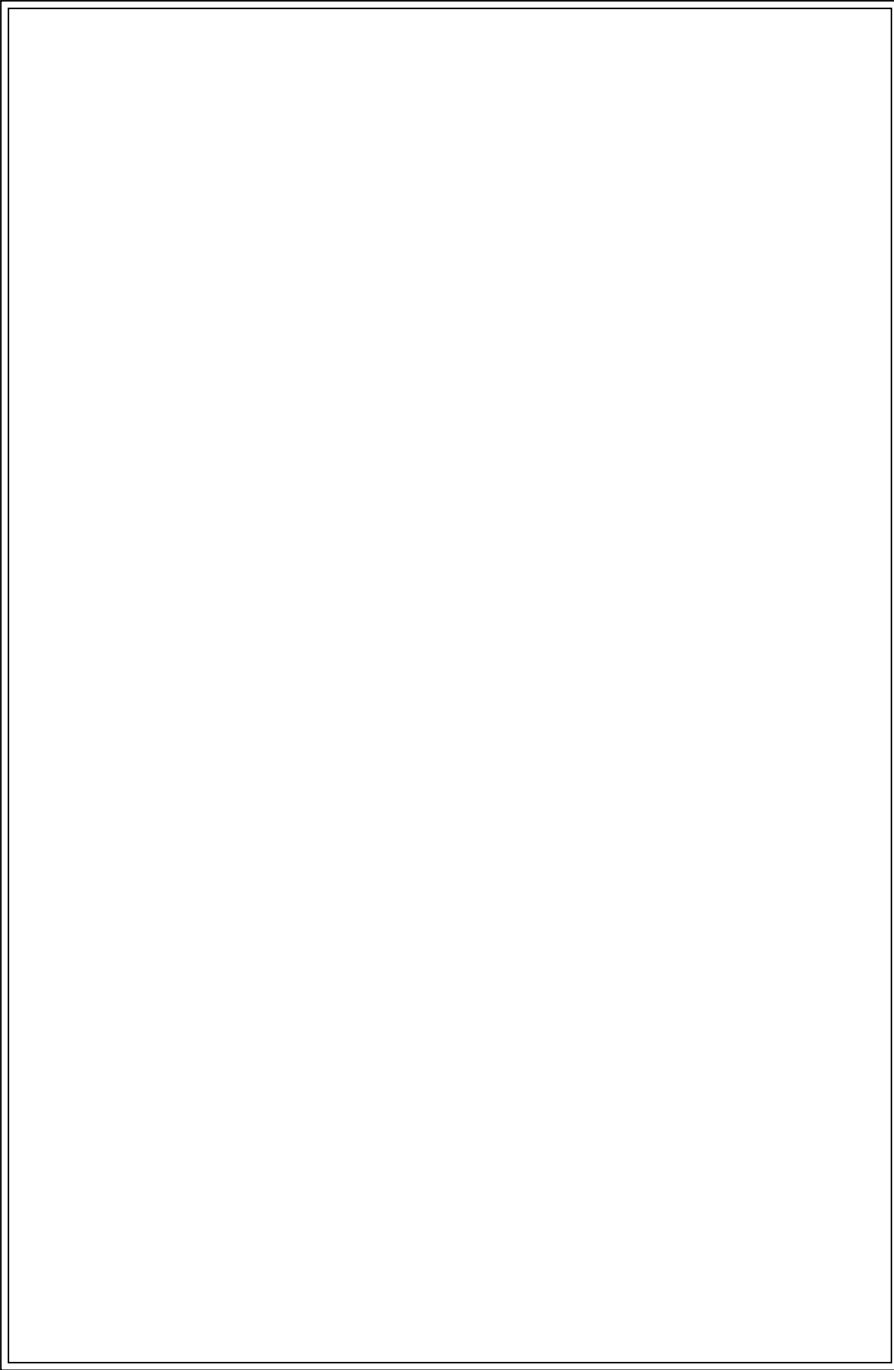
Edição e Anotações: R. M. Ribeiro

O Projeto-Piloto de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival “Mescla”, a 07/07/2019.

A Fase 1 de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” iniciou-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.

projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/

Viseu. Junho, 2020.



UMA VIAGEM DE SONHO

Certo dia, imaginei que estava a viajar com amigos num barco. Estávamos a passar numa ilha pequena, redonda que mal se via.

A ilha estava situada no mar, não conseguia ver uma zona própria para podermos parar o barco. Queríamos saltar para a água e nadar até à ilha. Desligámos o motor do barco e amarrámos o barco a uma pedra enorme.

Finalmente sentimos os pés na terra, parecia um paraíso. À nossa volta havia: muitas bananas, muitos cocos, borboletas a voarem, pássaros a cantar, muitas flores, todas elas diferentes e árvores com vários tipos de frutos.

Era tudo verde, um cheiro perfumado e um ar muito puro.

À volta da ilha havia uma areia amarela, mar de um azul clarinho e a água cristalina,

De repente, um grupo de pessoas quase nuas vinha na nossa direção. Ficámos assustados! Mas afinal eles só nos queriam conhecer, saber de onde viemos e quem somos...

No final ficámos todos felizes e amigos.

A GRUTA

Numa viagem com os meus amigos depois de termos visitado um castelo maravilhoso, ficámos nos jardins para almoçar e descansar. Na hora da brincadeira fui jogar à bola com os meus amigos. Estava a sentir-me um grande jogador e, com ânimo, num remate para a baliza a bola foi com tanta força que desapareceu e foi para uns arbustos. Fui à procura dela e espanto! A bola estava no fundo de um buraco, fui lá buscá-la e nesse momento reparei que estava na entrada de uma bela gruta.

Dentro da gruta havia um lago de água verde e nas margens havia plantas muito bonitas com cores variadas. Caminhei pelas margens do lago e comecei a ver criaturas de várias cores, muito simpáticas, todos com gorro na cabeça, um nariz muito grande que parecia uma batata e pés e orelhas muito grandes. As mãos só tinham quatro dedos (pareciam “smurfs”).

Quando olhei para eles fiquei muito feliz por ter visto estas criaturas desconhecidas mas muito simpáticas. Ao verem-me com a bola, as criaturas estranhas aproximaram-se e começámos a jogar muito animados e divertidos.

Os meus colegas de turma, ao darem pela minha falta, vieram à minha procura e depararam comigo a jogar futebol com aqueles seres estranhos. Juntaram-se a nós e fizemos um jogo muito animado!

No final do jogo as criaturas ofereceram-nos uma merenda muito especial com frutas da gruta, muito variadas e saborosas!

Despedimo-nos prometendo voltar em breve.

Quando chegámos junto do barco contámos a toda a gente a nossa aventura imaginária!

A ILHA DO CORÇÃO DE OURO

Certo dia decidimos andar de barco. Estava sol e fazia muito calor. O barco era grande, bonito e tinha uma vela cor-de-rosa que fazia lembrar uma rosa no meio de um jardim. Entrámos no barco e começámos a viagem.

Afastei-me da terra. Sentia-me feliz. O mar estava calmo. As gaivotas voavam sobre a água do mar. De repente o vento começou a soprar. As ondas começaram a crescer. O mar ficou agitado. O céu ficou cheio de nuvens. Começou a chover e a trovejar. Estava sozinho no meio de uma tempestade.

O barco foi dar à costa. Reparei que estava a chegar a uma ilha. Saí do barco e fui até à praia. A areia era amarela como o sol. Havia árvores altas e muito verdes. Havia também pessoas sentadas em cima de pedras a olhar o mar. Estavam vestidas com folhas de bananeiras e coqueiros. Falavam uma língua estranha. Tinham pele escura, olhos verdes e rasgados. Pareciam ser pessoas simpáticas. Assim que me viram vieram ter comigo. Ofereceram-me bananas, mangas e cocos. Convidaram-me a ir conhecer a sua aldeia. As casas eram feitas de paus e cobertas com penas de pássaros.

Na aldeia havia um chefe que me contou que de vez em quando eram invadidos por formigas gigantes. Eu prometi ao chefe que os ia ajudar. Passei lá cinco dias e quatro noites. Até que numa dessas noites apareceram as formigas de aspeto vermelho e pegajoso. Então eu e os habitantes daquela aldeia resolvemos acender tochas e atirámo-las em chamas às formigas. Estas ficaram de tal maneira aterrorizadas que nunca mais voltaram a incomodar.

Resolvi regressar ao meu país. Despedi-me, fui até ao barco que estava preso a uma rocha com uma corda grossa e forte. Os aldeões acompanharam-me até ao barco e disseram que podia regressar sempre que quisesse à “Ilha do Corção de Ouro”. Foi então que percebi o significado do nome da ilha, “pessoas de bom coração”.

A ILHA DAS CORES AO CONTRÁRIO

Eu fiz uma viagem à ilha das cores, num barco, por mares desconhecidas.

Essa ilha não tinha areia cor de pele: era às cores! Eu achei algumas coisas muito estranhas: as árvores, as pedras, os animais, e até o sol, ele falava e também era às cores!

Aquilo era muito engraçado, os planetas até lá passavam e falavam connosco, assim como as estrelas.

O céu durante o dia era castanho e à noite transformava-se, ficava amarelo.

Foi aí que me apercebi que naquela ilha era tudo ao contrário.

Eu andei, andei e encontrei um gato. Esse gato não era às cores como as outras coisas, ele era preto como o carvão, tinha os olhos verde-amarelado e grandes. Eu fiquei com ele e juntos percorremos a ilha.

Foi uma grande aventura!

O MUNDO CHAMADO OS DOCES QUE TÊM VIDA

Passado algum tempo de navegação, chegámos a um mundo que tinha uma placa que dizia “O mundo chamado os doces que têm vida”.

Entrámos no mundo e eu lá fui, ao mundo encontrado. Entretanto comecei a exploração. Nesse mundo o chão e as nuvens eram de algodão doce; as rodas dos carros eram “marshmallow” e a parte de cima dos carros era de chocolate; as árvores eram de chupa-chupa, o sol era de rebuçados juntos e, as casas, de caramelo.

Foi uma doce descoberta, que mundo tão delicioso!

A ILHA COLORIDA

Chegada à ilha deparei-me com coisas fantásticas e nunca antes vistas em lado algum. Comecei a andar e encontrei uma pequena casa de madeira, pintada de várias cores, parecia um arco-íris. As janelas eram vermelhas, a porta cor-de-laranja, as paredes tinham cor-de-rosa, verde fluorescente, azul-marinho, amarelo e lilás. A chaminé era pintada aos quadradinhos vermelhos e brancos e o telhado era às riscas vermelhas e amarelas.

À volta da casa havia relva, mas não era verde como estamos acostumados a ver, era azul. As flores brilhantes pareciam cristais. Até os animais eram diferentes: havia borboletas amarelas e aranhas cor-de-laranja. Até o céu era verde. Que coisa estranha!

Curiosa, decidi bater à porta e esta abriu-se sozinha. Fui entrando e ouvi umas vozinhas muito baixinhas. Olhei à volta e não vi ninguém. Começava a ficar assustada! Subi umas escadas e continuei a ouvir essas vozinhas que me diziam olá. De repente, vi uma luz muito brilhante por debaixo de uma porta. Decidi abri-la e vi um enorme baú entreaberto e com uma luz ainda mais forte que fazia doer os olhos. Abri o baú e dei um salto para trás quando lá de dentro saíram várias fadinhas. Fiquei espantada.

Guardavam um tesouro há muito procurado pelos piratas. Pediram-me que guardasse segredo e eu prometi que sim. Como agradecimento deixaram-me andar no seu unicórnio e mostraram-me a ilha encantada.

O PAÍS DAS PIADAS

(A minha viagem imaginária é no país das piadas porque lá há muitas piadas e eu gosto de rir.)

No país das piadas existem peluches a falar, pessoas e objetos. Eles dizem muitas piadas, são muito felizes, amigos, sorriem muito, brincam às apanhadas, à bola, ao basquete, às escondidas e a saltar à corda. Eu também gosto muito dessas brincadeiras que eles fazem.

Quando acabavam as aulas, cada um ia para a sua casa e brincavam à sua brincadeira preferida.

Logo de manhã eles davam uma matéria diferente da do outro dia e adoravam aprender coisas novas. Quando tocava para ir ao intervalo eles diziam à professora e perguntavam se podiam ir brincar e a professora dizia sempre que sim e eles iam ao intervalo.

Quando tocava para ir para as aulas eles perguntavam o que iam aprender.

Eu gostava muito de viver nesse país.

A ILHA DOS ÍNDIOS

Eu e a minha turma fizemos uma viagem de barco a um local desconhecido. Como iria durar uma semana levámos muita roupa e alimentos para sobrevivermos.

A viagem teve início logo pela manhã, o mar estava agitado e as ondas eram enormes!

Passados dois dias avistámos terra, decidimos atracar o barco e explorar... Cada um foi por um lado para descobrirmos se era uma ilha pequena ou grande e o que lá existia.

Eu decidi entrar pela floresta, estava calor e era tudo muito bonito, havia palmeiras com flores de várias cores, árvores com frutos tropicais e animais exóticos, era uma ilha muito bonita.

De repente, ouvi um estalido e quando dei por mim estava presa dentro de uma rede, pendurada numa árvore, de pernas para o ar. Após algumas horas, apareceram uns índios com pinturas na cara, roupas feitas de palha e brincos e chapéus estranhos. Fiquei muito assustada!

Tiraram-me da árvore e levaram-me com eles. Depois de alguns minutos, chegámos a uma aldeia que tinha uma vedação feita de troncos de árvores, um portão de madeira enorme, muitas cabanas e uma praça central com um trono. Fiquei assustada pois todos os meus colegas estavam presos nessa praça, para onde me levaram também.

Entretanto chegou o chefe dos índios que parecia estar furioso. Conseguimos comunicar e explicar que não lhes queríamos fazer mal. Libertou-nos e deu uma grande festa em nossa honra, durante a noite.

No dia seguinte, agradecemos a hospitalidade, despedimo-nos e regressámos ao barco, rumo a casa.

Foi uma enorme aventura!

A ILHA DAS QUATRO PALMEIRAS

Um belo dia eu e os meus amigos fomos à procura de uma ilha com quatro palmeiras. Isso porque lá existia um tesouro que nunca ninguém tinha conseguido encontrar.

Decidimos construir um barco para lá chegar. Quando chegámos, o nosso barco afastou-se e nunca mais o avistámos. Ficámos presos na ilha. A ilha era repleta de bichos estranhos: lagartos vermelhos, cobras pretas, aranhas peludas, morcegos gigantes e outros tantos. A terra fazia estranhos barulhos como se respirasse, viam-se flores de mil cores a crescer por todo o lado. Havia muitas e profundas poças de água com areia movediça que nos impediam de caminhar rapidamente.

Foi tão difícil, que decidimos descansar ao pé de uma gruta até que adormecemos. No meio da noite, uma libelinha luminosa apareceu, ela começou a falar connosco e perguntou o que estávamos a fazer sozinhos nesta ilha perigosa. Então contámos-lhe e ela decidiu mostrar-nos o caminho para o tesouro, que tanto queríamos encontrar. Em contrapartida tínhamos de lhe dar uma parte do tesouro para podermos voltar para a nossa casa. Assim fizemos, e a libelinha chamou os seus amigos para nos ajudar a construir um barco novo para voltar para casa.

Que viagem inesquecível.

A ILHA DA MÚSICA

Quando cheguei à Ilha da Música vi notas musicais, que não eram umas quaisquer, eram árvores e sem elas não havia música e sem música não havia vida.

Eu também vi muitos instrumentos, por exemplo: baterias, guitarras acústicas, guitarras elétricas e baixos...

Como eu gosto muito de música, toquei bateria. A relva era como mesas de som e os arbustos como colunas.

Vi clavas que eram ramos e pendurados nesses ramos estavam microfones que eram as folhas das árvores, quando falávamos alto, o som saía ainda mais alto.

A CIDADE VERDE

Um dia fiz uma viagem de barco até uma cidade muito distante. Esta cidade chamava-se Cidade Verde.

Nessa cidade havia um grande parque.

Dento deste parque havia pássaros, borboletas e veados que falavam.

Havia também um riacho com árvores à volta, flores e relva.

Também falavam!

Eu passei muito, dentro desse parque, e um veado falou comigo.

Perguntou o meu nome e quantos anos eu tinha.

Eu perguntei-lhe o seu nome e pedi se ele me podia mostrar o parque.

Nós passeámos muito durante todo o dia e ficámos grandes amigos.

Encontrámos também um sítio para brincar.

Tinha baloiços, escorregas verdes e cordas para escalar.

Todos os outros animais apareceram e brincámos todos juntos.

Foi um dia muito divertido.

A ILHA DAS 10245 COISAS

Eu viajava num barco e estava bem até chegar a uma ilha. Quando eu entrei nessa ilha ela era muito gira, tinha muitas coisas giras: muitas árvores, muitos animais, muitas plantas, etc.

Ora bem vou dizer a primeira coisa, a ilha tinha uma aldeia daquelas aldeias de que todos nós gostamos mas não é só isto, havia mais umas coisas pela frente.

Então como eu prometi, vamos a mais uma coisa: o ar. Sim, o ar tem muitas coisas – quer dizer – não, nem por isso, só tinha aviões e pássaros e havia muito disso nesta região. Mas claro que – no ar – também havia chuva (não estou a pô-la de parte, nem à trovoada).

Também havia uma serra da Estrela. Sim, só que esta era ainda melhor porque estava sempre a nevar. Também há alguns dias de Sol, mas é preciso ter atenção porque este Sol era muito escaldante.

Outra coisa nesta ilha são os famosos moinhos.

Os restantes nossos amigos que desculpem incomodar-vos mas este sítio tinha cerca de 10245 coisas, ou mais, por isso não posso descrever mais.

A RESERVA NATURAL

Chegou o dia que eu tanto esperava, mas a ansiedade era muita. Tanta que fazia lembrar as crianças, que quando vão a algum lado, nem dormem a pensar no que vai acontecer.

Saí de casa e lá fui eu ter com um grupo de amigos que me esperava. Ansiosos como eu, para partirmos rumo ao nosso destino, que ainda era um pouco longe.

Quando entrámos no barco ficámos eufóricos por irmos todos juntos. Para que a viagem fosse rápida, nós cantámos. Por fim chegámos ao nosso destino.

(Eu ainda não vos disse, mas a minha viagem de sonho não é ir à praia nem a uma daquelas visitas guiadas, em que só vemos o que nos mostram e não aquilo que queremos ver.)

Pois eu fui a uma reserva natural ver animais e pude tocar-lhes. Vi muitos animais, de várias espécies, tirei muitas fotos e fiz várias festinhas aos animais. Alguns deles deram-me cabeçadas carinhosas, foi muito divertido.

Só que, o que é bom acaba depressa e esse dia maravilhoso e inesquecível chegou ao fim mais rápido do que eu desejava.

O MUNDO COLORIDO

Num mundo colorido onde existiam todas as cores do arco-íris, havia unicórnios simpáticos, borboletas que falavam, meninos que voavam, passarinhos que bailavam pelo céu rosa e branco. O chão estava coberto com açúcar colorido. Havia árvores feitas de chupa-chupa, casas da cor do arco-íris e nuvens de algodão doce.

Nesse mundo colorido todas as pessoas eram as melhores amigas, também havia castelos roxos, carros de rebuçados, autocarros de gomas, as roupas das pessoas eram de açúcar verde e o calçado era de chocolate.

Havia também fadas, anjos cintilantes e estrelas que falavam com os meninos à noite. As pessoas que não tinham carros e que não andavam de autocarros, podiam viajar montadas nos unicórnios.

As pessoas que viviam nesse mundo colorido não frequentavam a escola, era a família que lhes ensinava todos os saberes. Esses seres pensavam sempre que as outras pessoas que não viviam nesse mundo tinham muito azar, enquanto elas tinham muita sorte.

PRAÇA DA ALEGRIA

No Verão passado, eu fui numa viagem de barco a Turma. Nós saímos do barco e eu fui a uma Cidade que se chamava Praça da Alegria.

Nessa Praça, todas as pessoas, animais e objetos tinham um sorriso na cara. Esses objetos, animais e pessoas eram: os automóveis, nuvens, árvores, etc.

Ao ver aquela linda Cidade, decidi conhecê-la melhor então, nesse dia, resolvi apreciar a Cidade. Fui à Rua das Nuvens e vi a Bia, o Romeu, o Fernando, etc. Eram as melhores nuvens que eu já tinha visto e é claro que todas tinham um sorriso!

De seguida, fui à Rua das Flores e encontrei o Emanuel, a Francisca, etc. Outra vez eram todos meus amigos.

Havia também a Rua dos Rios! Havia tantas ruas! E em todas elas eu tinha sempre amigos!

Gostei muito da Praça da Alegria, porque lá não há ninguém que não tenha um sorriso!

O projeto "O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães", realizado com alunos dos 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas Grão Vasco (Viseu), é uma iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu, por ocasião dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.